

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

# 3

Edwaldo Costa  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2021

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

# 3

Edwaldo Costa  
(Organizador)

  
Atena  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 3

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Edwaldo Costa

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T689 Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 3 /  
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-206-4

<https://doi.org/10.22533/at.ed.064212906>

1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II.  
Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresentamos aos nossos leitores mais um volume do e-book Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação 3. Como sempre, nossa obra traz um conjunto de contribuições voltadas a diferentes áreas do universo comunicacional. Neste e-book, apresentamos 17 capítulos de 31 pesquisadores.

Na Bíblia, o Gênesis conta que “o mundo inteiro falava a mesma língua” (Gn 11,1). Os homens resolveram, porém, criar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornaria famosos e poderosos. Então Deus, para castigá-los, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim, os construtores da torre se dispersaram e a obra permaneceu inacabada.

A diversidade das línguas surge como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa “confusão”. Muitos milênios depois, o homem se encontra enredado em múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres. Todavia, a (in)compreensão das mensagens vem, assustadoramente, transformando-se, muitas vezes, na destruição da harmonia e da paz entre os homens.

Mesmo com o avanço da tecnologia, a comunicação parece permanecer desordenada. A civilização ergue monumentos gigantescos, mas não é capaz de resolver conflitos básicos, a pandemia de Covid-19 no mostrou isso.

Como dito, o livro, trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre a comunicação, as concepções de linguagem, as redes sociais, o jornalismo, a violência contra a mulher, as mídias independentes brasileiras, o novo normal, o consumo midiático, algoritmos no Facebook, as *fake news*, a pandemia, *brand persona*, os canais infantis de meninas influenciadoras no Youtube, os dispositivos educativos não-formais aliados ao percurso acadêmico de estudantes de jornalismo, o cinema, o letramento digital, a Educomunicação, a gestão de conhecimento, a Comissão da Verdade, *Star Wars*, a ficção seriada, o Método Kominsky, o futebol, a Guerra Ameríndia, as contribuições do professor Renato Cordeiro, entre outros.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa para a comunidade científica e profissionais da área. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Sabemos ainda, o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos a estrutura da Atena Editora, capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

**“UM VÍRUS E DUAS GUERRAS”: COVID-19 E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PAUTA DE DUAS MÍDIAS INDEPENDENTES BRASILEIRAS**

Sônia Maria dos Santos Carvalho

Vitória Sousa Pilar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129061>

### **CAPÍTULO 2..... 17**

**O NOVO NORMAL MEDIADO PELO CIBERESPAÇO - A INTENSIFICAÇÃO DO USO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS**

Monica Costa Arrevabeni

Aline Costalonga Gama

Mauriceia Soares Pratissolli Guzzo

Mauricio Soares do Vale

Carlos Henrique Medeiros de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129062>

### **CAPÍTULO 3..... 31**

**PRÁTICAS DO CONSUMO MEDIATEZADO SOB A LÓGICA DOS ALGORITMOS NO FACEBOOK**

Pedro Arthur Nogueira

Daniel Dubosselard Zimmermann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129063>

### **CAPÍTULO 4..... 43**

**UNIVERSIDADES NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE NO FORMATO E NATUREZA DAS PUBLICAÇÕES**

Pedro Farnese

Janete Monteiro Garcia

Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez

Meena Anjali de Falleiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129064>

### **CAPÍTULO 5..... 56**

**MAGAZINE LUIZA: ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA *BRAND PERSONA* LU NO INSTAGRAM**

Bianca Johanny dos Santos Lima Assunção

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129065>

### **CAPÍTULO 6..... 70**

**BRINCADEIRAS DE CRIANÇA E GANHOS DE ADULTOS: PUBLICIDADE E CONTEÚDO MARCÁRIO E OS CANAIS INFANTIS DE MENINAS INFLUENCIADORAS NO YOUTUBE**

Karla de Melo Alves Meira

Daniel Dubosselard Zimmermann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129066>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
DISPOSITIVOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS ALIADOS AO PERCURSO ACADÊMICO DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO: O PAPEL INTEGRATIVO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES NO CONTEXTO DAS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS	
Ana Luisa Zaniboni Gomes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129067">https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129067</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>98</b>
“PASTOR CLÁUDIO”: MEMÓRIA EM QUESTÃO NO CINEMA E NO JORNALISMO	
Gilmar Hermes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129068">https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129068</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O MEDO E A ORDEM NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Marise Baesso Tristão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129069">https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129069</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>122</b>
COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL: POSSÍVEIS DIÁLOGOS	
Madilei Rotta da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290610">https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290610</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>132</b>
COMUNICAÇÃO, CONFLITOS E MEDIAÇÃO: APORTES DA PRÁXIS EDUCOMUNICATIVA NO COTIDIANO ESCOLAR	
Marciel Aparecido Consani	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290611">https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290611</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>145</b>
GESTIÓN DEL CONOCIMIENTO DE LA VERDAD. UN MARCO CONCEPTUAL PARA LAS COMISIONES DE LA VERDAD	
Mario Fernando Guerrero-Gutiérrez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290612">https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290612</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>162</b>
STAR WARS: QUANDO A FORÇA ESTÁ NA ALMA DE UMA MARCA	
Janaina de Holanda Costa Calazans	
Gabriela Rocha Barros Coelho	
Georgina Venâncio de Queiroz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290613">https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290613</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>177</b>
FICÇÃO SERIADA E O ENCONTRO COM A MORTE: A FINITUDE EM <i>O MÉTODO KOMINSKY E OS EXPERIENTES</i>	
Tatiana Siciliano	

Valmir Moratelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290614>

**CAPÍTULO 15..... 190**

GUERRA AMERÍNDIA E FUTEBOL: DOIS MODELOS DE CONFLITOS SOCIÁVEIS

Leticia Moutinho Palis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290615>

**CAPÍTULO 16..... 204**

REPERTÓRIO HISTÓRICO LINGUÍSTICO DO FUTEBOL BRASILEIRO E PORTUGUÊS

Edwaldo Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290616>

**CAPÍTULO 17..... 217**

RENATO CORDEIRO GOMES E SEU LEGADO: POR UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DA CIDADE

Aline da Silva Novaes

Fabiana Crispino Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290617>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 230**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 231**

## O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O MEDO E A ORDEM NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

*Data de aceite:* 21/06/2021

*Data de submissão:* 05/04/2021

**Marise Baesso Tristão**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
da Universidade Federal de Juiz de Fora e  
Centro Universitário Academia (UniAcademia)  
Juiz de Fora – Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/3680539789738473>

**RESUMO:** Neste artigo, analisaremos o discurso do jornal “O Globo”, entendendo que ele cristaliza estereótipos e medos a respeito da cidade do Rio de Janeiro, reforçando o que é legal e ilegal nesta cidade e aqueles comportamentos e fatos que devem ser criticados, enquanto tantos outros são silenciados. Para isso, analisaremos um período do primeiro governo do prefeito Eduardo Paes, que assumiu a prefeitura em 2009, portanto fase pré-megaeventos em que acreditamos haver o projeto do Rio como cidade-empresa, que precisa dar certo. Para isso, é necessário higienizar a “Cidade Maravilhosa”.

**PALAVRAS – CHAVE:** Discurso; jornalismo; favelas; medo; ordem.

**ABSTRACT:** In this article, we will analyze the speech of the newspaper “O Globo”, understanding that it crystallizes stereotypes and fears about the city of Rio de Janeiro, reinforcing what is legal and illegal in this city and those behaviors and facts that must be criticized, while so many others are criticized silenced. For that, we will analyze a period of the first government of

Mayor Eduardo Paes, who took over the city hall in 2009, therefore the pre-mega-events phase in which we believe that the Rio project is a city-company, which needs to be successful. For this, it is necessary to clean the “Cidade Maravilhosa”.  
**KEYWORDS:** Speech; journalism; favelas; fear; order.

### 1 | INTRODUÇÃO

Se as cidades são espaços sobrecarregados de sentidos, alguns discursos, como o jornalístico, tentam defini-la e enquadrá-la. Alguns sentidos expostos seguem na direção de administrá-la, ignorando o múltiplo ao mesmo tempo em que promove uma normalização dos sujeitos, segundo visões pré-estabelecidas. Este discurso que normaliza e administra está sedimentado em alguns lugares, como no discurso midiático. Neste discurso, os aspectos subjetivos e ideológicos acabam integrados a uma realidade objetiva, como a divulgada pelos órgãos de imprensa. Desta forma, permitem-se associações simplistas para fatores complexos, criando verdades, que se estabelecem, como aquela que coloca a violência maior na cidade do Rio de Janeiro sendo provocada pelos traficantes.

Este discurso, como lembra Orlandi (2001 b), é definido como o “discurso sobre a cidade”, sendo hierarquizante. Ele suprime as várias vozes existentes, em nome de uma concepção positivista da cidade que, ao mesmo tempo em

que se contenta com o crescimento e a vastidão da metrópole, busca a uniformização de seus ocupantes como sujeito-modelo, sem suas subjetividades e marcas históricas. Essas vozes e sentidos sufocados precisam vir à tona de alguma forma, já que não têm acesso aos tradicionais meios de debate. Assim, manifestam-se, muitas vezes, em movimentos violentos.

## 21 O DISCURSO JORNALÍSTICO E A CIDADE

Enquanto discurso *sobre*, o discurso jornalístico toma a cidade como objeto e se apropria de saberes sobre ela que estão em circulação. Além das nomeações da cidade – metrópole, região metropolitana, Cidade Maravilhosa, cidade boêmia, cosmopolita, cidade violenta, cidade da guerra etc -, aquilo que se repete sobre ela no discurso jornalístico passa a constituir o imaginário da cidade. “Cabe observar, então, a polissemia que essa palavra ao ser retomada por diferentes nomeações em diferentes formações discursivas, bem como os efeitos de unidade que ela condiciona em uma dada formação discursiva (NUNES, 2014, p. 1.167).”

Este autor lembra, ainda, que entre o acontecimento sobre o qual a notícia se volta e o discurso que o jornalista direciona ao leitor, está a materialidade discursiva e os indícios dos discursos institucionais que significam a cidade. Ao observar o discurso jornalístico sobre a cidade é possível perceber o modo como os discursos são parafraseados, silenciados ou esquecidos. Assim, ao atualizar e apagar memórias de outros acontecimentos relevantes, este discurso pode colaborar para um tipo de percepção sobre a cidade, lembrando que reportagens são narrativas, contando e recontando, criando sentidos e narrando a experiência do homem no mundo. Resende lembra que, além do discurso *sobre*, o campo dos media também se define como o discurso *para*:

O campo dos media, como também o são os outros, tanto se faz autônomo como dependente. Em outras palavras, ele instaura, ao mesmo tempo em que conforma e redefine, discursos sobre e para a sociedade; ou seja, ele cria e recria práticas sociais discursivas que tanto desejam falar da sociedade como se constituir enquanto saber acerca desta mesma sociedade. Junte-se a estes aspectos, ainda, o fato de que o campo dos media narra experiências e modos de vida calcados em subjetividades que estão, insistentemente, cravadas na objetividade demandada pela necessária lida com o cotidiano. Ou seja, eles interferem no *status quo* e recriam modos de vida, porque leem e provocam releituras de experiências subjetivas e objetivas e, vale dizer, de forma às vezes tão imperativa que se tornam o lugar de onde as pessoas retiram o que sabem e o que se dispõem a compreender acerca do cotidiano e da vida. (RESENDE, 2011, p. 86)

As representações jornalísticas que acabam sendo naturalizadas tornam-se definitivas, por exemplo, para que os próprios moradores da cidade verbalizem sobre ela e se reconheçam. Afinal, a mídia narra cotidianamente determinados acontecimentos que

passam a ter um peso indiscutível na sociedade e na história. Algumas realidades serão narradas de forma mais amena, enquanto outras serão mais agressivas. Assim, os sentidos hegemônicos vão sendo cristalizados.

Moradores das favelas e do asfalto, por exemplo, vão definir-se a si próprios e as situações a que são submetidos influenciados, entre outros, pelo discurso jornalístico. Estes sentidos também querem influenciar nas decisões de políticas públicas para determinado território e na própria compreensão do que acontece em um espaço/território/cidade.

O jornalismo, então, ao circular discursos, interpela sujeitos e disponibiliza aqueles que afetam sua construção identitária. No caso dos pobres, por exemplo, Loïc Wacquant afirma que eles perderam o controle sobre suas identidades devido a mecanismos de exclusão e segregação urbanos. Acrescentamos que estes mecanismos, muitas vezes, são acionados pelo discurso jornalístico.

Ser pobre numa sociedade rica implica ter o status de uma anomalia social e ser privado de controle sobre sua representação e identidade coletiva; a análise da mancha urbana do gueto norte-americano e da periferia francesa [mostra] a privação simbólica que torna seus habitantes verdadeiros párias (WACQUANT, apud Bauman, 2003, p. 108).

O processo de construção das identidades, portanto, está atrelado a uma rede de memória construída por meio de uma série de debates sócio-históricos. O horizonte descontínuo da história é que possibilita que o discurso tome forma e seja transformado e retransformado. A descontinuidade se manifesta nos enunciados. Assim, por exemplo, é que o sujeito “menor”, que junto ao termo “abandonado” era usado para se referir à criança pobre, desprotegida, moral e materialmente pelos pais, estado e sociedade no cenário urbano, vai mudar ao longo da história, ganhando novas significações. O “menor” deixa de ser abandonado, aquele que precisa de apoio da sociedade, para se tornar o menor infrator, uma forma-sujeito que não cabe nos projetos da cidade. Neste processo, a mídia é um dos grandes atores responsáveis pela estigmatização deste sujeito. E esta representação está longe de ser objetiva.

Retomando também a questão do jornalista, seu lugar da fala é muito forte nesta cristalização da imagem da cidade. Isto porque é ele que vai mobilizar determinados aparatos. Os jornalistas têm uma função autor muito forte, pela maneira como mobilizam fontes, se conectam a ela, conectam o que é explícito no texto e o que não foi divulgado, porque ficou no “off”. Lembrando que, para Foucault (2002), a autoria é um fenômeno complexo, perpassado por diversos conceitos e instâncias. Mas, mesmo que haja diferentes vozes perpassando o discurso jornalístico, vozes de determinados grupos sociais, por exemplo, é o jornalista, que, como um cartógrafo, vai desenhar a cidade e ocupar o seu lugar de fala, amparado pelo lugar de verdade, como observador da cena e por que não, personagem.

Como nos interessa o discurso jornalístico sobre as favelas cariocas, é importante

saber como elas estão organizadas na narrativa jornalística. Estes espaços já foram representados de inúmeras maneiras nas últimas décadas. Já foram foco de epidemias e doenças, ponto de malandros, local da desordem, dos negros e ociosos. Também já foram territórios dos baderneiros e, em outros momentos, idealizadas como lugar onde o samba surgiu. Em décadas mais recentes, tornaram-se o antro dos traficantes de droga, habitat das classes perigosas e lugar de risco, ainda que nelas exista um *locus* bastante plural. No entanto, como lembra Lícia Valladares (2005, p. 158), até mesmo a identificação do IBGE apresenta problemas. “A definição de favela como ‘aglomerado subnormal’ utilizada pelo IBGE excluiria, por exemplo, uma grande parte do território da Rocinha e também de outras favelas”.

Portanto as favelas são um *locus* que deve ser visto como tecido urbano, ou seja, múltiplo e heterogêneo. Um espaço que, apesar de criado a partir da imagem das massas urbanas marginalizadas, reúne todos os problemas e atributos do espaço urbano. No entanto, os dogmas persistem. Lícia Valladares questiona.

Por que será, então, que as mudanças recentes, mais do que evidentes e confirmadas pelo próprio recenseamento, não parecem abalar os defensores dos dogmas? Como explicar essa resistência? Haveria algum interesse em fazê-los perdurar? Até que ponto sua persistência no imaginário coletivo traria benefícios às favelas e aos seus habitantes? É verdade que o ‘turismo social’ depende de uma imagem exótica, é verdade que jornalistas, a mídia e escritores preferem, sem dúvida, essa imagem um tanto fascinante de um universo que seria marginal, diferente e com especificidades locais. Mas é possível que outros grupos sociais também tenham interesse que a imagem da favela não venha a se modificar tão depressa. (VALLADARES, 2005, p. 158)

No plano físico, as favelas já sofreram inúmeras intervenções com políticas variadas, ora de remoções e outras de urbanização, enquanto, no simbólico, sua imagem vai sendo modificada ao longo do tempo até chegar a esta situação do tráfico de drogas e da violência, que tornou-se atualmente a característica mais arraigada ao nome da favela carioca nas representações midiáticas. Diante desta constatação, o discurso midiático apresenta a favela como um lugar de experiência que só pode ser compreendida por meio de uma interpretação negativa. Por outro lado, há uma identificação deste povo também com a alegria, com o pouco e com o comunitário.

Na impossibilidade de se abranger a cidade - afinal quem conhece todos os bairros de uma metrópole? -, é que os meios de comunicação vão se tornando imprescindíveis. Também por meio deles é possível difundir temas que, sem eles, ficariam restritos aos locais de origem. Enquanto isso, os grupos populares se concentram em seus espaços, sejam periféricos ou centrais, enquanto os setores de classes mais altas cada vez vivem mais atrás de grades nas janelas e portas e em lugares fechados. Assim, são o rádio, a televisão e a internet que transmitem a informação e o entretenimento.

### 3 | O JORNAL COMO ATOR POLÍTICO NAS QUESTÕES DE VIOLÊNCIAS

Nesta sociedade do instantâneo e das emoções, o que o jornal “O Globo” representa, principalmente a partir do momento em que se torna o único veículo impresso hegemônico com sede na capital fluminense e com distribuição em grande parte do Brasil? Sabemos que todo jornal noticia para determinados segmentos da sociedade, produzindo para uma imagem de leitor suposta a tal segmento. Na própria prática do discurso já aparece esta imagem, ou seja, no “como se diz” já está embutido o “quem vai ler”.

Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos ‘formações imaginárias’ em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um seu ‘cúmplice’ quanto um seu ‘adversário’” (Orlandi, 1993, p. 9).

Portanto, ao lermos “O Globo”, já temos uma ideia do seu lugar de fala e de seu comportamento, do que encontraremos neste veículo, cujo discurso vai se constituindo como a realidade, não qualquer realidade, mas como a memória e a história dos vencedores. Ou seja, conforme Walter Benjamin designou como “uma história na qual os acontecimentos são recortados e interpretados a partir da perspectiva do vencedor, dono do poder” (Chauí, 2007, p. 128). Queremos entender que interdiscurso perpassa este veículo e se há mudanças ao longo de quase uma década no que se refere aos discursos sobre as violências.

Antes de seguirmos, situamos que “O Globo” foi fundado em 29 de julho de 1925, tendo, portanto, 90 anos de história. É considerado um dos veículos impressos de maior tradição em nível nacional e um periódico de referência importante do país. (Memória Globo, 2015) Foi concebido como um diário matutino pelo jornalista Irineu Marinho, seu fundador. Após a morte de Irineu, o jornal foi assumido pelo filho, Roberto Marinho, que conseguiu construir um conglomerado de empresas de mídia. No campo do jornalismo impresso, o grupo criou, em 1998, o jornal “Extra”. Desta forma, “O Globo” é direcionado para as classes A e B, enquanto o “Extra”, para a B e C. Além de jornais, o conglomerado, hoje denominado “Grupo Globo”, é composto pela “TV Globo”, várias rádios, entre elas “Globo” e “CBN”, e “Editora Globo”.

Apesar de evidências históricas contrárias, o Grupo diz manter a “isenção” como um dos atributos da informação de qualidade, junto com a “correção” e a “agilidade”. Em seus princípios editoriais, coloca que o trabalho jornalístico deve ser feito, buscando-se estes três pontos. No entanto, o próprio documento do conglomerado traz uma mudança na visão do jornalismo. “Antes, costumava-se dizer que o jornalismo era a busca pela verdade dos fatos”. Agora, o grupo prefere destacar que,

De todas as definições possíveis de jornalismo, a que o Grupo Globo adota é esta: jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. Qualquer

fato e qualquer pessoa: uma crise política grave, decisões governamentais com grande impacto na sociedade, uma guerra, uma descoberta científica, um desastre ambiental, mas também a narrativa de um atropelamento numa esquina movimentada, o surgimento de um buraco na rua, a descrição de um assalto à loja da esquina, um casamento real na Europa, as novas regras para a declaração do Imposto de Renda ou mesmo a biografia das celebridades instantâneas. O jornalismo é aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade. (MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto, Globosat, 2015)<sup>1</sup>

Obviamente que as mudanças mencionadas em seu editorial institucional também revelam as alterações no seio da própria sociedade, que não entende mais o jornalismo como espelho da realidade, afinal esta é uma visão que não encontra mais nenhuma sustentação teórica. Porém, é preciso lembrar que o jornalismo “não pode construir outra imagem a respeito de si mesmo que não aquela de ser uma instituição capaz de um relato fiel dos fatos e dos pensamentos. É por meio do jornalismo que o leitor espera ler o mundo.” (MACHADO & JACKS, 2001, p. 6)

No entanto, como lembra Borges (2009, p. 61), a forma de se autorreferenciar escamoteia o lugar político que os agentes produtores de informação desempenham na dinâmica social, para construir este lugar apolítico no imaginário social.

Ao mencionar alterações sociais, é necessário também lembrar as mudanças pelas quais passam a mídia impressa. Nos últimos anos, houve uma redução das tiragens da maioria dos jornais. Primeiro, os veículos hegemônicos sofreram o impacto dos periódicos considerados populares e com venda maciça em bancas. Depois, viram as tiragens declinarem por causa da concorrência com a internet. No entanto, apesar das grandes mutações no cenário global do jornalismo, que vão gerar modificações nos conteúdos da informação, produto básico do jornalismo, entendemos que o jornal impresso continua mantendo seu poderio e, agora, entra na disputa no mundo on-line.

“O Globo” é o segundo colocado no ranking de circulação total de jornais (cálculo que engloba as assinaturas impressas e digitais), de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>2</sup>. O ranking é liderado pela “Folha de S.Paulo”. Este tinha, em 2019, uma média de circulação de 328.438 exemplares. Já considerando a média dos 12 meses de 2020, o número subiu para 337.854 exemplares. Pelo levantamento, “O Globo” também teve crescimento: em 2019, o veículo tinha circulação média de 326.841 exemplares. Já em 2020, a média foi de 332.175 exemplares. A alta na circulação é atribuída ao crescimento das edições digitais nos dois casos.

1 <https://cbn.globoradio.globo.com/institucional/principios-editoriais-do-grupo-globo/PRINCIPIOS-EDITORIAIS-DO-GRUPO-GLOBO.htm> Acesso em 5 Abril 2021

2 <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/02/04/grandes-jornais-tem-caminho-de-crescimento-no-digital.html>

Desta forma, o “O Globo” ainda posiciona-se como um dos principais produtos do conglomerado da comunicação, o maior do país. Dentro deste veículo, há redes de formulações, os ditos nas matérias. Para onde apontam as reportagens? Em nosso caso, estamos nos referindo a textos que mencionam as questões de violências. Ressaltando que a noção de criminalidade é discursiva, enfim, é construída historicamente. Criminalidade, em geral, também é vista como diferente de crime, já que não se associa crime do colarinho branco a ela. Como o jornal funciona na atualização da memória? Quando em sua memória fortalece o discurso do medo, justifica-se o direito de as pessoas ditas de bem terem o direito de se proteger. Este discurso, que está na sociedade, é constantemente reforçado pelo jornal. Portanto, o veículo reifica o *status quo* e o antagonismo social.

No caso das violências, o jornal, além de trabalhar com os efeitos de verdade, articula números e estatísticas, de forma a montar uma realidade que estimula o medo para o leitor. Um dos exemplos é quando opera os números no sentido de provar que o Rio de Janeiro está pior por uma única causa: a violência, no sentido de criminalidade. Para isso, por exemplo, soma o total de ocorrências policiais e divide pelo número de dias do período de alguns meses ou anos reforçando, assim, sentidos e discursos.

Ao divulgar a violência, a tendência do jornalismo hegemônico é revelar apenas a violência latente. Assim, portanto, reforça a visão mais conservadora da violência, vista como aquela onde há grupos de pessoas que precisam ser vigiados, enquanto, de outro lado, silencia-se em relação às práticas de estados violentos e à ordem social perversa e injusta, já que o estado é igualitário na fala, mas na prática é hierárquico, ou seja, protegendo uns e vigiando outros, além de as leis também caminharem neste sentido. Um exemplo é o fato de ainda perdurar no país a lei que protege com prisão especial aqueles que têm diploma de curso superior.

Ao observarmos a cobertura encontramos uma instrumentalização pelo discurso da ordem pela força. As reportagens cobram mais policiamento para resolver os conflitos urbanos, enquanto naturaliza-se a segregação social, quando defende, por exemplo, a construção de muros cercando as favelas, para evitar sua expansão, ao mesmo tempo em que apenas noticia, sem culpabilizar, a necessidade de regularização das ampliações das coberturas de edifícios nas zonas nobres da cidade. Também se posiciona ao cobrar fluxo de tráfego para quem circula nas vias de trânsito rápido, como linhas Vermelha e Amarela, enquanto ignora o motivo de moradores da favela estarem se indignando no espaço público.

Este discurso pela ordem no Rio esteve muito presente em “O Globo” na administração dos prefeitos Cesar Maia e Eduardo Paes<sup>3</sup>. É nesta época que o jornal cria a série “Illegal. E daí”, que vai acabar sendo encampada por este último político que, ao tomar

---

3 Cesar Maia foi prefeito do Rio de Janeiro por três mandatos. O jornal O Globo lança durante seu último governo, de 2005 a 2008, a série “Illegal. E daí”, no qual vai contestar o que chama de irregularidades e desordem no Rio de Janeiro. Foi prefeito do Rio de Janeiro por dois mandatos, sendo o primeiro de 2009 a 2012 e o segundo entre 2013 e o final de 2016.

posse, em 2009, afirma que fará um “choque de ordem” no Rio.

## 4 | O CHOQUE DE ORDEM DE EDUARDO PAES

Esta análise faz parte de um projeto maior que se debruçou sobre o discurso de “O Globo” em um período de quase uma década, que vai de 2002 a 2010 e que é uma fase que entendemos ser aquela que antecede grandes eventos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, dentre outros, que colocam o Rio de Janeiro na agenda mundial e dentro de um projeto de cidade-empresa, que precisa dar certo. Nesta linha, encontramos um discurso que busca levar as favelas também ao mundo dos negócios, saindo da informalidade. Este discurso para legalizar toda a cidade vai se fortalecer, principalmente, a partir de 2009, com a entrada de um novo personagem em cena, o prefeito eleito Eduardo Paes, na época no PMDB.

Paes vence as eleições ocorridas em 2008. É preciso dar um passo atrás aqui, lembrando que em 02 de setembro de 2008, “O Globo” divulgou reportagem intitulada “Candidatos prometem fiscalização e plano de habitação para conter favelas”. Apesar de não ter sido analisada de forma minuciosa por nós, esta matéria revela a pressão do discurso do jornal pela política de remoção, não remoção das favelas que estão assentadas e cuja população pode trazer lucro para o mundo dos negócios, mas daquelas que ainda são indesejáveis e representam mais os “miseráveis” do que aqueles que merecem estar na formalidade por já fazerem parte da classe média. Este discurso, dissimulado sobre o discurso ambiental e da segurança pública, vai ganhar respaldo e força nos próximos anos. Portanto, quando se esperava um plano de habitação em prol da população de baixa renda, o que se tem são mais políticas de acirramento. Lembramos isso apenas para dizer que o novo prefeito assume a administração com o compromisso de conduzir uma política de repressão sobre a expansão das áreas das favelas.

Também é a partir deste ano que o Rio vive um período maior de intervenção em seus territórios mais carentes. Naturalmente, estas ações do Poder Público, que têm sua maior evidência nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), estarão reverberadas nos relatos jornalísticos, que vão referendar ou não estas ações. Vejamos então os enunciados, partindo da visão da cidade e seu choque de ordem em janeiro. Lembrando que o choque de ordem fará novamente um resgate da memória do “Illegal. E daí?”, conforme veremos nos enunciados abaixo, no qual a “ilegalidade vai ao chão”.

O **choque de ordem prometido (grifos nossos)** pelo prefeito Eduardo Paes começou ontem pela manhã em oito bairros. Em um deles, o Recreio dos Bandeirantes, representou também um desafio às milícias e à indústria da construção irregular nas favelas. Trinta e quatro imóveis – entre casas, lojas, uma igreja evangélica e até uma cobertura com piscina, sauna e hidromassagem – que ocupavam irregularmente um terreno público à beira-mar foram demolidos na entrada do Terreirão. **(Novo prefeito. A ilegalidade**

**vai ao chão. Editoria Rio, p. 10, 6/01/2009)**

O prefeito Eduardo Paes se referiu ontem à operação como uma ação simbólica dos novos tempos na prefeitura: - **Não é admissível que existam áreas da cidade onde o poder público não seja soberano**, não tenha o comando. Os proprietários não são pessoas pobres que necessitam de assistência, mas picaretas que ocupam áreas públicas. **(Novo prefeito. A ilegalidade vai ao chão. Editoria Rio, p. 10, 6/01/2009)**

- Isso é um absurdo. Como a prefeitura chega aqui de madrugada e derruba tudo sem notificar primeiro? Estou sendo vítima de perseguição política. A discussão sobre a posse da área ainda está na Justiça e por isso a demolição não poderia ocorrer, ainda mais sem comunicação prévia. **(Novo prefeito. A ilegalidade vai ao chão. Editoria Rio, p. 10, 6/01/2009)**

**Novo prefeito, antigas medidas.** O primeiro dia útil do governo Eduardo Paes lembrou a gestão do seu ex-padrinho político, Cesar Maia. Há oito anos, quando assumiu o segundo mandato, Cesar também realizou **ações de choque de ordem** na cidade. **(Novo prefeito. A ilegalidade vai ao chão. Editoria Rio, p. 10, 6/01/2009)**

No segundo dia da operação Choque de Ordem de Eduardo Paes, o foco se voltou para a publicidade irregular nas ruas, visando a **reduzir a poluição visual** na cidade. **(Novo prefeito. Choque de ordem sem trégua. Editoria Rio, p. 10, 7/01/2009)**

A **população de rua também foi alvo da operação.** Em quatro horas nas avenidas Nossa Senhora de Copacabana e Atlântica, cinco menores foram recolhidos e cinco adultos, levados para a Fundação Leão XIII. **(Novo prefeito. Choque de ordem sem trégua. Editoria Rio, p. 10, 7/01/2009)**

Segundo os fiscais, a orientação era que os adultos poderiam escolher se iam ou não para o abrigo. Quanto aos menores, por estarem em situação de risco, seriam levados de qualquer jeito. Os que conseguiram fugir, porém, não foram perseguidos. **(Novo prefeito. Choque de ordem sem trégua. Editoria Rio, p. 10, 7/01/2009)**

- O que precisar ser feito para abrigar a população de rua será feito. É claro que sempre haverá alguma coisa de população de rua na cidade. Não é uma tarefa simples. Mas não vamos permitir o que se vê na (avenida) Rio Branco, que parece a sala de um, o quarto de outro. Não dá. **(Mais 300 vagas em hotéis para mendigos. Editoria Rio, p. 10, 7/01/2009)**

Os enunciados acima reforçam que, após tantos discursos de cobrança feitos pelo jornal, agora o estado está fazendo seu papel e é soberano. Com o choque de ordem, mostra-se que é assim que se entra em todos os territórios. Os moradores das áreas são chamados de picaretas e, por isso, não há nem mesmo a preocupação com a remoção, mas agora a ordem é jogar ao chão o que está ilegal e acabar com a desordem.

Os enunciados revelam que os moradores de rua e os menores de idade que estão em situação de rua também estão incluídos na operação. Ou seja, assim como outdoors irregulares e carros estacionados sobre a calçada, estes moradores de rua também são tratados como coisas que não podem ficar “atrapalhando” e “sujando” as ruas da Zona Sul do Rio de Janeiro. Estamos na formação discursiva da higienização. No entanto, há um

deslizamento em um dos enunciados, já que, na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro, parece que o Choque de Ordem não tomará providências contra as pessoas que vivem na rua.

Nestes enunciados temos, ainda de maneira mais clara, a retomada do Rio voltado para o turista, do Rio que se embeleza e que, aos poucos, vai voltando a ser aquele que pode ser frequentado pela população. Apesar de o choque de ordem ter à frente o chefe do Executivo municipal é um indício de que a vigilância virá por aí em todos os níveis, envolvendo também as questões de segurança pública, ligadas ao governo estadual.

O próprio jornal rememora nesta operação Choque de Ordem, o “Illegal. E daí?” Vejamos os enunciados:

A instalação de outdoors em desacordo com a legislação da cidade **deu origem à série “Illegal. E daí?”**, do Globo. A primeira reportagem, publicada em 19 de setembro de 2005, denunciava o fato de a prefeitura não ter retirado seis outdoors localizados na saída do Túnel do Joá, na Barra, e ainda ter permitido a fixação de mais um, elevando para sete o número de peças publicitárias instaladas irregularmente na área. **Depois das reportagens que cobravam providências do município, os painéis foram retirados (Poluição visual inspirou a série ‘Illegal. E daí?’**, Editoria Rio, p. 10, 07/01/2009)

A série “Illegal. E daí?”, que também abordou temas como estacionamento irregular, construções ilegais, favelização e população de rua, **inspirou o nome de uma CPI na Câmara dos Vereadores para investigar a desordem urbana. (grifo nosso)** Na última eleição para prefeito, a **expressão foi usada também por Eduardo Paes**, que afirmou que acabaria com a era do “Illegal. E daí?” no Rio. **(Poluição visual inspirou a série ‘Illegal. E daí?’**, Editoria Rio, p. 10, 07/01/2009)

Paes prometeu também, durante a campanha, implantar no Rio o projeto **Cidade Limpa**, adotado com sucesso em São Paulo, onde a prefeitura proibiu outdoors e regulamentou o tamanho da publicidade nas fachadas de imóveis. A promessa de Paes é uma das 83 listadas pelo Globo em sua edição do dia 27 de outubro do ano passado, logo após a eleição do peemedebista. **(Poluição visual inspirou a série ‘Illegal. E daí?’**, Editoria Rio, p. 10, 07/01/2009)

Nos enunciados, fica evidente que poder público e discurso jornalístico estão em sintonia, até mesmo com o uso do nome da série “Illegal. E daí?” pelo prefeito recém-empossado durante a campanha. Ou seja, muitas vezes, um acaba pautando o outro. Além disso, o jornal reforça o seu poder de vigilância quando afirma que listou as promessas dos candidatos à prefeitura do Rio.

O reforço do jornalismo como discurso central na atualidade é provado aqui por meio da informação de que uma CPI foi criada na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro a partir da série “Illegal. E daí?” que traz denúncias de várias irregularidades no município. Ou seja, o jornal assume, de fato, uma autoridade alinhada ao Ministério Público, à Justiça e aos políticos.

A partir da operação desencadeada por Eduardo Paes, cria-se um mapa da desordem no Rio. Obviamente que, além da Zona Sul, outros bairros nobres e tradicionais

do Rio, como a Tijuca, serão priorizados neste mapeamento. Observemos os enunciados:

Informações reunidas desde junho de 2007 por uma comissão parlamentar de inquérito da Câmara de Vereadores – conhecida como a “**CPI do Illegal. E daí?**”, baseada na série de reportagem do **Globo** – aliadas a ferramentas tecnológicas relativamente simples produziram o mapa da desordem urbana na Grande Tijuca. Graças ao georreferenciamento das denúncias, é possível visualizar o local exato em que cada tipo de irregularidade acontece. [...] O objetivo é fazer com que **o combate à desordem seja mais efetivo. (O mapa da desordem na Tijuca, Editoria Rio, p. 8, 24/02/2009)**

Para a secretaria da Ordem Pública, o comércio irregular e a população de rua estão entre os principais problemas da região. Moradores relatam grandes transtornos na região. **(O mapa da desordem na Tijuca, Editoria Rio, p. 8, 24/02/2009)**

- Vejo com muito bom grado todas as informações que facilitem o nosso trabalho. **O mapa vai nos ajudar.** Acho, porém, que hoje a realidade é diferente da época da CPI. Temos operação permanente na Tijuca com bons resultados – afirmou Oliveira. **(O mapa da desordem na Tijuca, Editoria Rio, p. 8, 24/02/2009)**

Na Avenida Presidente Castelo Branco, próximo ao acesso da Avenida Marechal Rondon, na altura da Mangueira, **ambulantes ocupam a calçada.** Há prédios de quatro andares. As ocupações na encosta da Grajaú-Jacarepaguá, **muitas em áreas de risco**, também preocupam. **(O mapa da desordem na Tijuca, Editoria Rio, p. 8, 24/02/2009)**

Começamos pela Grande Tijuca por ser uma **área nobre** e que tem uma **estrutura urbana poderosa. (O mapa da desordem na Tijuca, Editoria Rio, p. 8, 24/02/2009)**

A operação limpeza começa a se desenhar em relação a este Rio de Janeiro desejável. Neste Rio onde o estado faz, após as denúncias da mídia, seguem-se as pressões em relação a ambulantes, comércio irregular, população de rua, encostas e áreas de risco. O combate a esta desordem não será mais por operações, mas de forma efetiva e constante. “Quem vai dar jeito nisso?”, perguntava “O Globo” às vésperas das eleições municipais de 2008, em reportagem publicada em 5 de agosto. No subtítulo, aparecia “Favelização, trânsito caótico, desordem urbana e conservação de ruas são desafios para novo prefeito.”

Agora, Paes, que já havia criado no ano anterior a Secretaria Municipal de Ordem Pública, dá a resposta solicitada dentro da argumentação criada pelo jornal da desordem. E assim, estamos no *ethos* da exclusão, no qual há um discurso que reforça aqueles que devem ser excluídos, aqueles que são vistos como refúgio humano, já que também há um silenciamento, na maioria das vezes, do que será feito daqueles que estão sendo expulsos das ruas com seu ganha pão ou com o espaço que lhe serve de moradia. Ressaltando que, nesta visão do jornal, o grupo que causa a desordem é o próprio responsável por ela, que nada teria a ver com a ausência de garantia, por parte do próprio estado, de direitos como trabalho, moradia, escola pública em tempo integral, entre outros.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar “O Globo”, vimos que, apesar de a instância jornalística ter por princípio olhar o mundo de diferentes formas, ouvindo os mais diferentes lados, o que se encontra é um discurso que homogeneiza os sentidos e institui “verdades” narradas pela própria instância jornalística.

O olhar sobre o que o periódico chama de ilegalidades em uma cidade múltipla tem espaço amplo, com a criação da série *Illegal*, e *Daí?*, durante o governo de Cesar Maia, em 2005, e com a reestruturação da mesma série “*Illegal mesmo, e Daí?*” com a chegada do sujeito Eduardo Paes, prefeito eleito em 2008.

Nas ocasiões das séries, “O Globo” começa a ver as “falhas” pela cidade e, já que, pelo seu discurso, o estado não está presente, ele assume o papel de vigilante público, missão que é dada ao jornalismo moderno. A ilegalidade tem parceiros que a estimulam e se vangloriam dela, enquanto o discurso do jornal é o lugar de dizer o que é correto, o que é o Rio legal.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade** - a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BORGES, Wilson Couto. **Narrativas jornalísticas como produção material da cultura**: a presença do imaginário na construção ideológica em torno da criminalidade. Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), Niterói, 2009.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. CINTRÃO, Heloísa Pezza. LESSA, Ana Regina. São Paulo. Editora Edusp, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagem, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Marcia Benetti & JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. GT Estudos de Jornalismo. X Compós. 2001.

NUNES, José Horta. **Os sentidos da metrópole**: saber urbano e jornalismo. Estudos Linguísticos. São Paulo p. 1.166-1.178, set-dez 2014.

ORLANDI. Eni. **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001b.

SOUZA, Hugo R.C. et al. **Todo crime é político**. Revista Carta Capital, 2003. [www.pdt-rj.org.br/.../Entrevista%20de%20Nilo%20Batista%20para%20a...](http://www.pdt-rj.org.br/.../Entrevista%20de%20Nilo%20Batista%20para%20a...) Acesso em 10 jul. 2015.

VALLADARES, Lícia. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Algoritmos 9, 10, 31, 35, 36, 37, 38, 40, 93  
Algoritmos no Facebook 10, 31, 36  
Atividades Complementares 11, 85, 86, 87, 94, 95

### B

Brincadeiras de criança 10, 70, 74

### C

Canais Infantis 9, 10, 70, 71, 74, 75, 79  
Ciberespaço 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 45, 56, 58, 59, 68, 82  
Cidade 9, 11, 12, 57, 63, 96, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 205, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229  
Cinema 9, 11, 98, 100, 101, 103, 104, 108, 109, 134, 166, 167, 176, 218, 219, 220, 225, 227  
Comissão da Verdade 9, 104, 105  
Comunicação 2, 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 16, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 35, 42, 43, 44, 47, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 73, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 143, 144, 162, 164, 168, 176, 177, 178, 188, 190, 191, 193, 199, 204, 210, 217, 223, 224, 225, 230  
Covid-19 9, 10, 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 21, 23, 30, 181

### D

Diálogo 1, 35, 59, 67, 104, 107, 129, 132, 139, 140, 141, 143, 147, 150, 154, 155, 156  
Diretrizes Curriculares 11, 85, 86, 95, 96  
Discurso Jornalístico 11, 110, 111, 112, 119, 121  
Dispositivos educativos 9, 11, 85

### F

Facebook 9, 10, 21, 23, 24, 31, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 54  
Ficção 9, 12, 168, 177, 178, 184  
Ficção Seriada 9, 177, 178  
Futebol 9, 12, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216  
Futebol Brasileiro e Português 12, 204

## **G**

Gestão de conhecimento 9

Guerra Ameríndia 9, 12, 190, 193, 196

## **I**

Influenciadoras Digitais 70

Instagram 10, 21, 23, 24, 56, 57, 59, 63, 64, 65, 66

## **L**

Letramento Digital 9, 11, 122, 126

## **M**

Magazine Luiza 10, 56, 57, 61, 63, 64, 66, 67

Marca 11, 2, 21, 22, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 162, 163, 164, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 187, 217

Materialidade Discursiva 111

Mediação 11, 33, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 193, 221

Memória 11, 35, 47, 56, 81, 98, 99, 111, 112, 114, 116, 117, 124, 178, 185, 196

Meninas 9, 10, 70, 76, 80

Método Kominsky 9, 12, 177, 178

Mídia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 22, 33, 35, 41, 42, 45, 46, 55, 70, 73, 74, 75, 77, 80, 82, 83, 89, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 128, 130, 144, 174, 175, 207, 218, 219, 220, 225, 226, 227, 228

Mídias independentes 9, 10, 1, 5, 6, 7, 8, 13

Midiatização 31, 33, 34, 35, 40, 42, 72, 74, 82, 84

## **N**

Novas Diretrizes Curriculares 11, 85

Novo normal 9, 10, 17, 18, 26, 29

## **O**

Ordem 11, 24, 36, 110, 116, 117, 118, 119, 120, 192, 197, 223, 225

Os Experientes 12, 177, 178, 182, 183, 184, 186, 187

## **P**

Pandemia 9, 10, 1, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

Pastor Cláudio 11, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Poder 9, 3, 5, 7, 10, 15, 16, 32, 33, 36, 37, 40, 41, 58, 72, 74, 83, 90, 114, 117, 118, 119, 125, 130, 134, 139, 147, 148, 149, 151, 152, 167, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 207, 221

Poderes da Comunicação 2, 9

Práticas de consumo 34, 36, 72, 81, 83

Publicações 10, 1, 2, 9, 13, 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 92, 93, 108

Publicidade 10, 31, 33, 34, 36, 40, 42, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 118, 119, 122, 188

Publicidade e Conteúdo 10, 70

## **R**

Redes Sociais 9, 10, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 36, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 61, 62, 67, 74, 87, 93, 94, 108, 128, 168, 170, 222

Rio de Janeiro 11, 16, 42, 81, 83, 84, 96, 110, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 130, 143, 144, 175, 176, 188, 190, 200, 203, 209, 215, 216, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 227, 228, 229

## **S**

Star Wars 9, 11, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 184

## **U**

Universidades 10, 11, 43, 44, 46, 52, 53, 54, 86, 149

## **Y**

Youtube 10, 62, 70, 83

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

# 3



[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)



[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



[facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora

Ano 2021

# Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

# 3



[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)



[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



[facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora

Ano 2021